

ESTIMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

2

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

ESTIMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

2

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Estímulo à transformação da educação através da pesquisa acadêmica 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E81 Estímulo à transformação da educação através da pesquisa acadêmica 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-562-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.621210110>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como importante medida para barrar o avanço do contágio, fez as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e repensarem estratégias que aproximassem a comunidade escolar. E é nesse momento histórico, o de assumir a virtualidade como uma dessas medidas, considerando-se as angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os/as autores/as deste livro intitulado **“Estimulo à transformação da Educação através da pesquisa acadêmica”** reúnem os resultados de suas pesquisas e experiências e problematizam sobre inúmeras questões que os/as [e nos] desafiam.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa *“Educação: desafios do nosso tempo”* no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, os diminutos recursos destinados, a ausência de políticas públicas, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancarou o quanto a Educação no Brasil ainda reproduz desigualdades.

Nesse ínterim, faz-se pertinente colocar no centro das discussões as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que nascem das diversas problemáticas que circunscrevem o nosso cotidiano. O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os diversos capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno para o repensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que os inter cruzam.

Este livro reúne um conjunto de textos, originados de autores/as de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de Gestão e Políticas Educacionais, Processos de Letramento Acadêmico, Ensino de Ciências e Matemática, Metodologias Ativas, Educação à Distância, Tecnologias, Ludicidade, Educação Inclusiva, Deficiências etc. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos/as professores/as pesquisadores/as, como os/as que compõem esta obra.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo

de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: O ESTADO DA ARTE DO PPGECIM/UFAL (2012 – 2020)

Gleber Glaucio do Nascimento Soares da Silva

Isabele Silva Nogueira

Alana Priscila Lima de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101101>

CAPÍTULO 2..... 12

A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Marleno Chaves Menezes

Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101102>

CAPÍTULO 3..... 23

“VAMOS LER!”: DIVERSÃO, CULTURA E POLÍTICA NO RIO DE JANEIRO DOS ANOS DE 1930

Teresa Vitoria Fernandes Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101103>

CAPÍTULO 4..... 35

CRATERAS DA LUA, COMO ELAS FORAM PARAR LÁ? EXPERIÊNCIA PARA COMPROVAR CONHECIMENTOS

Sandra Andréa Berro Maia

Alan Pedroso Leite

Andréa Magale Berro Vernier

Carlos Maximiliano Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101104>

CAPÍTULO 5..... 42

ANÁLISE DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS DURANTE A ESCOLARIZAÇÃO: AÇÕES PARA APOIAR A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Karina de Fátima Bimbatti

Fabiana Faleiros

Marlene Felomena Mariano do Amaral

Eduarda Mendes Frigel

Andréia Cangemi

Adriana Cordeiro Leandro da Silva Grillo

Karl Christoph Kappler

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101105>

CAPÍTULO 6	55
PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA: COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS DE CONHECIMENTO	
Geanine Rambo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101106	
CAPÍTULO 7	67
ABRINDO PORTAS - INGLÊS PARA TODOS: ENSINO DE INGLÊS COMO FERRAMENTA DE EXTENSÃO E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO	
Nathan Antonio Guerreiro	
Leonardo Riquena Salandim	
María Eugenia Dajer	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101107	
CAPÍTULO 8	74
O CADERNO DA REALIDADE: ELEMENTO PEDAGÓGICO DA PESQUISA REALIZADA NA COMUNIDADE CAMPESINA	
Ozana Luzia Galvão Baldotto	
Ailton Pereira Morila	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101108	
CAPÍTULO 9	85
COMPOSIÇÃO CORPORAL E ESTILO DE VIDA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	
Ramila Beserra Marques	
Roberto Carlos Pereira dos Santos Junior	
Luiz Antonio Silva Figueiredo Filho	
Patrícia Uchôa Leitão Cabral	
Francilene Batista Madeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6212101109	
CAPÍTULO 10	101
CONSTRUÇÃO DAS DIRETRIZES ESTADUAIS PARA O ATENDIMENTO ESCOLAR DE ADOLESCENTES E JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA	
Eliane Acosta dos Santos	
Silbene Santana de Oliveira	
Tânia Regina Maciel	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011010	
CAPÍTULO 11	110
MEMORIAL HORTA VERTICAL COM MATERIAIS REUTILIZÁVEIS	
João Alves dos Santos	
Raphael do Nascimento Gonçalves	
Emerson Machado da Costa Conceição	
Paula Simão Batich	
Luciane Midori Kadomoto Bezerra	

Keyla Consuelo de Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011011>

CAPÍTULO 12..... 116

O USO DO FACEBOOK COMO PLATAFORMA DE ENSINO-APRENDIZAGEM PARA AULAS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alexandre La Luna

Viviani Aparecida da Silva Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011012>

CAPÍTULO 13..... 123

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A LEGISLAÇÃO PERTINENTE À EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Jairo José de Souza

Eduardo Cardoso Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011013>

CAPÍTULO 14..... 136

A INSERÇÃO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE URUGUAIANA-RS

Silvia Mossi Utzig

Eleonora Leguiçamo Centena Silva

Angela Maria Molinari de Souza

Elena Maria Billig Mello

Maristela Mello Rodrigues

Suelen de Prá Alves

Michele Borba Muller

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011014>

CAPÍTULO 15..... 143

A MEDIAÇÃO DO PEDAGOGO A PARTIR DOS RESULTADOS DO PAEBES NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Mônica Cristina de Orequio

Jocitiel Dias da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011015>

CAPÍTULO 16..... 156

ANÁLISE DO PAINEL EDUCACIONAL REALIZADO PELO INEP EM 2017, NA EDUCAÇÃO MUNICIPAL NO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ-MA

Miguel Angelo Ruschel Neto

Arthur Augusto Berlie Mendes

Edson Trajano Vieira

Endel Wesley da Silva Arrais

Thais dos Santos Duarte Arrais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011016>

CAPÍTULO 17	165
ATUAÇÃO RESOLUTIVA DO MINISTÉRIO PÚBLICO NA DEFESA DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E DIVERSIDADE, NOS CURRÍCULOS EM TODOS OS NÍVEIS DE ENSINO, PARA PROMOÇÃO DA FORMAÇÃO CIDADÃ EM DIREITOS HUMANOS	
Thiago Luiz Sartori	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011017	
CAPÍTULO 18	175
CASOS PRÁTICOS NO DIREITO INTERNACIONAL PÚBLICO: IDEAIS E DILEMAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
Magdalena Bas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011018	
CAPÍTULO 19	185
ELABORAÇÃO DE MÓDULOS DIDÁTICOS PARA ENSINO DE INSTALAÇÕES HIDROSSANITÁRIAS	
Zacarias Caetano Vieira	
Sheilla Costa dos Santos	
Carlos Gomes da Silva Júnior	
Alyne de Oliveira Brasil	
Adriano Augusto Linhares de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011019	
CAPÍTULO 20	202
MAPEAMENTO DA TEORIA DA GERAÇÃO Y NO CONTEXTO ORGANIZACIONAL: ANÁLISE SISTEMÁTICA DOS TRABALHOS PUBLICADOS ENTRE 2005-2014	
Raphael Germini Pereira	
Nicássia Feliciano Novôa	
Helder Antônio da Silva	
José Carlos de Cnop Siqueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.62121011020	
SOBRE O ORGANIZADOR	223
ÍNDICE REMISSIVO	224

CAPÍTULO 2

A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA EM CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA

Data de aceite: 21/09/2021

Data de submissão: 09/07/2021

Marleno Chaves Menezes

Professor Me. da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC)
Tucuruí-PA
lattes.cnpq.br/0250296268475169

Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo

Professora Dra. do Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.
Marabá-PA
lattes.cnpq.br/9389580039097624

RESUMO: O presente tem a finalidade de apresentar um estudo sobre o universo que compõe as necessidades existentes e devem embasar os livros que são disponibilizados à leitura dos alunos deficientes. Essa investigação se justifica pela importância que o professor-mediador de língua materna, da educação básica, seja pública ou privada, desempenha no processo ensino-aprendizagem dos deficientes, no Brasil (dificuldades, incompreensões, estereótipos e desafios) e relacionar tais considerações a alguns personagens que fazem parte da Literatura Brasileira. Nesse contexto, procura-se descortinar impressões, discursos dominantes e valores intrínsecos da sociedade, sobretudo, no século XIX. Sendo assim, faz-se uma analogia com algumas obras europeias

que foram veiculadas antes da Primeira Guerra Mundial e o que foi mudando nos contextos subsequentes, quanto à maneira de se abordar os deficientes. O estudo baseia-se nos estudos de Dowker, Figueira, Dalcastagnè e Barros, quanto à parte específica; nas produções de Assis, Guimarães Rosa, quanto às obras literárias utilizadas e, ainda, nos estudos de Heidegger, quanto ao poder da leitura. Esta empreitada se deu, primeiramente, pela curiosidade de ler as obras com um olhar específico: a forma que os deficientes são apresentados no meio literário e, depois, pelos milhares de brasileiros nessas circunstâncias, sejam crianças, jovens e adultos. **PALAVRAS-CHAVE:** Deficiência. Representação. Literatura.

THE REPRESENTATION OF THE DEFICIENCY IN CLASSICS OF BRAZILIAN LITERATURE

ABSTRACT: The present one has the finality to show a study about the universe that composes the existing necessities and should base the books that stay available to disabled pupils reading. This investigation justifies itself because the importance that the mediator teacher of the native language in public or private basic education makes in teaching-learning process of the disabled ones in Brazil (difficulties, misunderstanding, stereotype and challenges) and the possibility to engage some aspects with some characters that belongs to the Brazilian literature. In this context, it quests to find out impressions, dominant speeches and some intrinsic values of the Society, especially in 19th

century. Therefore, makes itself na analogy with some european works that they were binding before The First World War and what was varying in subsequent contexts, as the manner to approach the disabled pupils. The research bases on Dowker studies, Figueira, Dalcastagné and Barros, in terms of the specific part.; in Assis' productions, Guimaraes Rosa, as the literay works and, yet, in Heidegger studies, in terms of the power of the reading. This investment happended, primarily, because of the curiosity to read works with an specific view: the way that disabled ones are showed in literary médium and, after, for thousand brazilians in this circumstances, be them children, teens and adults people.

KEYWORDS: Deficiency. Representation. Literature.

1 | INTRODUÇÃO

Na sociedade humana é condição primária aprender a conviver com diversos contextos culturais, respeitando-os e valorizando-os, uma vez que são indissociáveis dos seus respectivos sujeitos; em suma, é necessário saber conviver com o diferente, sobretudo, quando se trata de pessoas com alguma deficiência, seja física, intelectual ou sensorial.

Nessa perspectiva, traz-se à tona uma temática bastante complexa e sugestiva, principalmente na sociedade contemporânea, que tem defendido o respeito incondicional e a tolerância para com o “diferente” ou incomum: a representação de personagens portadores de deficiência em alguns clássicos da Literatura Brasileira no século XX, época em que houve uma substancial revalorização e renovação no mercado editorial no Brasil, enfatizando alguns trabalhos que foram considerados obras-primas e conquistaram espaço na Literatura Brasileira, desmistificando, assim, o caráter e o preconceito de uma literatura considerada inferior e ganhando o respeito e importância de uma literatura adulta. Como consequência disso, iniciou-se um processo de inserção, nas obras literárias, de personagens que, por muito tempo, passaram despercebidos e foram ignorados pelo público leitor brasileiro, como se eles não existissem de fato. Entretanto, hoje, esta realidade mudou bastante, pois as deficiências e suas representações estão contempladas em um grupo significativo de personagens, haja vista os estudos e discussões que têm ganhado visibilidade no cenário educacional brasileiro. Como exemplo disso, tem-se o livro *“Bibliografia – O deficiente e as diferenças na leitura infantil e juvenil”*, da bibliotecária Cruz, após levantamento bibliográfico realizado no acervo da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”, em São Paulo, onde estão catalogados 246 títulos. Nesse livro, especificamente, percebe-se a intenção da autora em contribuir com aqueles que pretendem discutir a realidade dos deficientes e buscar caminhos e ações sócioeducacionais que contemplem esses indivíduos e oportunizem-nos mostrar o potencial que possuem. Segundo a autora:

[...] o objetivo desta biografia é oferecer a profissionais, pais, leitores em geral e profissionais diversos, uma relação de livros a mais diversificada possível, que lhes permita discutir, com crianças e jovens, a situação da pessoa deficiente em nossa sociedade (CRUZ, 1991, p. 11).

Em contrapartida, não há espaço para comodismo, pois ainda há muito a ser

conquistado nessa empreitada, já que os portadores de deficiência física permanecem sendo retratados, em muitas obras, de maneira bastante preconceituosa e inferiorizada; aspecto que, infelizmente, revela uma sociedade que ainda acumula a desinformação e a intolerância para com estes seres, contribuindo e comprometendo, portanto, a essência e a existência de uma sociedade plural, onde as pessoas conseguem lidar com as diferenças e suas respectivas singularidades. Acrescenta-se, ainda, que a educação não deve, jamais, vincular apenas o conhecimento técnico, ou seja, a informação, pois é indispensável que se desenvolvam aspectos que venham contribuir para a formação do cidadão, como se confirma em:

Penso que a educação que contempla somente as competências técnicas, que não esculpe a resiliência, o altruísmo, a generosidade, a capacidade de se colocar no lugar dos outros, de expor e não impor as ideias, e, em especial, de pensar como humanidade, não previne novos holocaustos, não viabiliza a espécie humana para seus futuros e cáusticos desafios, ainda que promova o PIB (produto interno bruto). Somos americanos, europeus, asiáticos, africanos, judeus, árabes, muçulmanos, cristãos, budistas, ateus..., mas acima de tudo, constituímos uma única e grande família, a humanidade (CURY, 2012, p. 14).

2 | REPRESENTAÇÕES CAMUFLADAS NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação das deficiências física, intelectual e psicológica em obras de ficção, no século XIX, na Europa, já apresentava personagens que refletiam a visão preconceituosa da sociedade acerca das pessoas deficientes, uma vez que predominava a prática de caracterizar esses indivíduos como verdadeiros “vilões” ou seres dignos de piedade, ou seja, eram postos em dois extremos bastante perigosos, quanto à função que possam desempenhar na sociedade: o primeiro, um agente de crueldade em potencial e o segundo, um ser humano incapaz de lutar contra as dificuldades da vida, tornando-se, então, vítima das circunstâncias naturais das quais não se tem nenhum controle ou domínio. A partir do final do século XX e início do século XXI, sobretudo nas obras publicadas antes da Primeira Guerra Mundial, os deficientes passaram a ser retratados sob uma visão bidimensional: ora apresentado como vilão ora representado como inválidos santos. Nesse prisma era comum se reportar aos indivíduos que tinham algum membro amputado como “*aleijados*”, como exemplo tem-se o personagem *Hugh Proctor*, da obra *The Crofton Boys* (1841), de Martineau, estudante de uma escola, na Inglaterra, que atendia alunos entre 8 e 13 anos, aproximadamente, que sofre um acidente e tem o pé esmagado. Outra concepção costumeira era condicionar a deficiência a uma espécie de deficiência no caráter da pessoa e, então, a cura dar-se-ia por meio de uma renúncia a própria vida, limitando-se à resignação e todo tipo de assédio moral, como ocorre na obra *The Secret Garden* (1911), de Burnett, em que o personagem *Colin* foi convencido pelos criados e por um médico de que para compensar a deficiência que apresentava de caráter, o destino punia-o com uma

anomalia “ser corcunda” e este tinha que aceitar, caso fosse o desejo de obter a cura.

Nessa perspectiva, parece bastante válido relacionar o que acontece com o personagem Belchior, do romance *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães (2004), que na condição de um escravo idoso e corcunda, disforme, é manipulado pelo comendador Leôncio a casar-se com a escrava Isaura, em uma artimanha que traria benefício ao próprio Leôncio. Desse modo, o barão do café da cidade de Campos dos Goitacazes (RJ) e senhor de escravos se libertaria das inquietações e desconfianças da esposa Malvina, que exigia que o marido libertasse Isaura e a mandasse embora, tamanho era o desrespeito que a esposa presenciava dentro da própria casa pelo esposo e, ao mesmo tempo, ele teria o caminho livre para continuar as investidas sobre Isaura, visto que Belchior, sendo escravo de Leôncio e, ainda, bastante velho, funcionaria apenas para legitimar aquela farsa, o matrimônio da escrava, mas que não representaria, em momento algum, qualquer obstáculo às investidas escusas daquele coronel à escrava, que morava na casa grande.

Era quanto bastava a Leôncio para associá-la ao plano de castigo e vingança, que projetava contra a desditosa escrava. [...] _ E o que pretendes fazer de Isaura? Perguntou Malvina. _ Dar-lhe um marido e carta de liberdade. _ E já achaste esse marido? _ Pois faltam maridos... para achá-lo não precisei sair de casa. _ Algum escravo, Leôncio?... Oh!... isso não (GUIMARÃES, 2004, p. 125).

_ Quem, Leôncio? _ Ora quem!... o Belchior. _ O Belchior...exclamou Malvina rindo-se muito. Estás caçoando; fala sério, quem é?... _ mas esperas acaso, que Isaura queira casar-se com aquele monstrengo? _ Se não quiser, pior para ela; não lhe dou a liberdade, e há de passar a vida enclausurada e em ferros. [...] _ Pois bem, Leôncio, mas eu entendo que Isaura mais facilmente se deixará queimar viva, do que casar-se com Belchior (GUIMARÃES, 2004, p. 126).

[...] _ Tenham-se debaixo do mais rigoroso cativo, ponham-me na roça de enxada na mão, descalça e vestida de algodão, castiguem-me, tratem-me enfim como a mais vil das escravas, mas por caridade poupem-me este ignominioso sacrifício! _ Belchior não é tão disforme quanto te parece; e demais o tempo e o costume te farão familiarizar com ele (GUIMARÃES, 2004, p. 130).

_ Belchior é um bom moço, inofensivo, pacífico e trabalhador. Creio que hás de dar-de otimamente com ele. Demais para obter a liberdade nenhum sacrifício é grande, não é assim Isaura? Neste momento vem entrando Belchior acompanhado por André. _ Eis-me aqui, senhora minha, (Malvina) _ diz ele, _ o que deseja deste seu menor criado? _ Dar-lhe os parabéns, senhor Belchior, _ respondeu Malvina. _ Parabéns, mas eu não sei por quê!... _ Pois eu lhe digo; fique sabendo que Isaura vai ser livre, e ... adivinhe o resto. [...] _ Que me diz, patroa!... perdão, não posso acreditar. Vossemércê está zombando comigo. [...] Belchior levanta-se e corre a prostrar-se aos pés de Isaura. _ Oh! Princesa de meu coração! _ exclamou ele atacando-se às pernas da pobre escrava, que fraca como estava, quase foi à terra com a força daquela furiosa e entusiástica atacação. [...] _ Isaura!... não olhas para mim? Aqui tens a teus pés este teu menor cativo, Belchior!... olha para ele, para este teu adorador, que hoje é mais do que um príncipe..., dá cá essa mãozinha, deixa-me comê-

É perceptível, nos fragmentos acima, o personagem Belchior sendo usado de forma inescrupulosa para satisfazer os desejos de Leôncio em um plano que diminui um ser humano a uma simples moeda de troca, sem ele mesmo saber. Em uma outra vertente, Belchior é posto na condição de um castigo maior do que os escravos recebiam nas senzalas, durante o século XIX, no Brasil, uma vez que a escrava Isaura implora a Leôncio que não a submeta àquele sacrifício, chegando a sentir repugnância por Belchior. Nesse contexto, vale destacar os estudos de Amaral, na década de 80, psicóloga social que retratou aspectos relacionados ao gênero, aos episódios étnico-raciais e culturais e expressa claramente que...

... a literatura está repleta de armadilhas traiçoeiras enredando o deficiente, o diferente, em malhas maniqueístas de bondade e maldade, virtude e pecado, santidade e malícia, feiúra e beleza... Ou o mutilado é bom, sábio, virtuoso, heroico – e como isso neutraliza-se, compensa-se, a deficiência; ou é cruel, malicioso, covarde, cruel, objeto – e com isso estigmatiza-se a diferença (AMARAL, 1992, p. 33).

Destarte, é inegável que uma sociedade é composta pelos mais diversificados seres humanos (seus defeitos e virtudes, habilidades e deficiências, valores e preconceitos), por isso é aceitável alguns personagens e seus respectivos perfis na ficção (poema, conto, romance, novela, teatro), no entanto há que ficar atento à forma como se vai encaminhar os enredos e, sobretudo, caracterizar esses personagens, a fim de que não sirvam de pretexto para alimentar e consolidar visões estereotipadas para com os indivíduos portadores de deficiências, uma vez que essa prática pode criar um monopólio de visões a favor daqueles que proferem esse discurso e se aproveitam para se consolidarem ainda mais na sociedade em detrimento do silêncio, constrangimento e sofrimento de outros. Por isso cabe à literatura, como espaço representativo de uma sociedade, precaver-se para não perpetuar posturas preconceituosas e camuflar crueldades para com esses indivíduos que, na maioria das vezes, nem percebem que estão servindo a falsos e inescrupulosos discursos e intenções. Para se evitar tais representações, segundo Dalcastagnè (2007, p. 18-31), é preciso que o autor adote alguns cuidados e critérios, como: incorporar as representações, reproduzindo-as de maneira acrítica, descrevê-las com o objetivo de evidenciar e construir seu respectivo caráter social e, por último, colocar essas representações diante dos nossos olhos para que possamos revelar nossas reações diante delas e como intervir na sociedade para que sejamos conscientes das consequências dos nossos atos, de recusa ou de adesão, contribuindo, portanto, para a desconstrução de um espaço de exclusão e livrando a literatura de reproduzir o discurso das classes dominantes.

Nesse âmbito, acrescenta-se, ainda, que é necessário que o professor e, sobretudo os autores, sejam mais cuidadosos na elaboração de personagens que simbolizam os mais variados tipos de deficiência, seja na educação informal (conversas, comentários e

opiniões), como também no âmbito da educação formal (leitura de uma obra, orientação socioeducativa, análise do texto aparente, pontuações sobre a intenção do discurso presente nas entrelinhas, para que o leitor-aluno possa conhecer, aceitar e melhorar o relacionamento com as pessoas deficientes. Vale enfatizar algumas orientações que vários autores recomendam quando existe a proposta de retratar personagens quanto à deficiência, de acordo com a pesquisadora Fagundes (1989): 1) as personagens devem provocar empatia e não piedade; 2) as personagens devem ser tratadas como seres potentes por si mesmas, e não dependente de forças sobrenaturais; 3) as personagens devem ser descritas de forma que suscite a admiração e aceitação, e não o ridículo; 4) devem retratar os comportamentos com exatidão; 5) devem ser apresentados de forma realista; 6) devem enfatizar as semelhanças, e não as diferenças.

Outro clássico que apresenta uma personagem com deficiência física é *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em que o narrador faz uma trajetória do protagonista Brás Cubas a partir do enterro, fazendo uma digressão para a idade infantil, adolescente, adulta e fechando o círculo com a morte e o enterro novamente. Tem-se, na narrativa, de forma bastante evidente, uma das mais significativas marcas “machadianas” – a ironia – que é posta sem nenhum melindre no comportamento de Brás Cubas, um jovem de família abastada, descumpridor da moral e dos bons costumes, desprovido de valores morais e escravo da vaidade. Então, em certo momento, ele percebe a beleza contida em Eugênia, filha de uma serviçal da família e começa uma atração, que teria vida curta. Eugênia, prontamente aceita os galanteios de Brás Cubas, que fica deslumbrado com tanta beleza. Porém, algo que está oculto é descoberto por Brás e, imediatamente, desfaz o encanto e a beleza de Eugênia: Brás percebe que Eugênia é deficiente de uma perna, que é menor do que a outra. De alguma forma, tal deficiência nos remete, segundo Barros (2015), aos anos de 1970 e 1980, época que a sociedade brasileira lutava pela erradicação da poliomielite ou paralisia infantil, que constituía um problema de saúde pública. Nesse contexto, o caso da personagem Eugênia imortalizou um dos principais fragmentos da literatura nacional, como vemos nas seguintes passagens:

Mandei-me a todos os diabos; chamei-me desastrado, grosseirão. Com efeito, a simples possibilidade de ser coxa era bastante para lhe não perguntar nada. Então lembrou-me que da primeira vez que a vi - na véspera - a moça chegara-se lentamente à cadeira da mãe, e que naquele dia, já a achei à mesa de jantar. Talvez fosse para encobrir o defeito; mas por que razão o confessava agora? Olhei para ela e reparei que ia triste (ASSIS, 1994, p.44).

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita? (ASSIS, 1994, p. 45).

Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, e não atinava com a solução do enigma. O melhor que há, quando se não resolve um enigma, é sacudi-lo pela janela fora; foi o que eu fiz; lancei

mão de uma toalha e enxotei essa outra borboleta preta, que me adejava no cérebro. Fiquei aliviado e fui dormir. Mas o sonho, que é uma fresta do espírito, deixou novamente entrar o bichinho, e aí fiquei eu a noite toda a cavar o mistério, sem explicá-lo (ASSIS, 1994, p. 45).

Amanheceu chovendo, transferi a descida; mas no outro dia, a manhã era límpida e azul, e apesar disso deixei-me ficar, não menos que no terceiro dia, e no quarto, até o fim da semana. Manhãs bonitas, frescas, convidativas; lá embaixo a família a chamar-me, e a noiva, e o parlamento, e eu sem acudir a coisa nenhuma, enlevado ao pé da minha Vênus Manca. Enlevado é uma maneira de realçar o estilo; não havia enlevo, mas gosto, uma certa satisfação física e moral. Queria-lhe, é verdade; ao pé dessa criatura tão singela, filha espúria e coxa, feita de amor e desprezo, ao pé dela sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor, ao pé de mim (ASSIS, 1994, p. 45).

Os trechos acima, de certa forma, acabam justificando que literatura tem, ao longo do tempo, contribuído para a conservação de concepções arraigadas em visões preconceituosas da sociedade. Machado de Assis, utilizando-se de toda incredulidade para com a espécie humana, corrobora o caráter discriminatório vivido pelos deficientes, quando o personagem Brás Cubas perde o encanto por Eugênia apenas pela deficiência. Isso mostra a arrogância e a insensibilidade humana para com as imperfeições da vida, mesmo aquelas sob as quais o homem é impotente. A vaidade e a presunção demonstradas pelo protagonista Brás Cubas nos leva a pensar que ele não possui nenhum aspecto negativo como pessoas, algo que não se sustenta, uma vez que ele tem bastantes atitudes que envergonham a espécie humana.

Outro episódio revelador de sofrimento dos deficientes no Brasil, encontra-se no reproduzido no conto Campo Geral, de Guimarães Rosa, que nos remete ao universo de um garoto (*Miguilim*) que sofre retaliações e até atitudes vingativas do próprio pai, por não perceber que o filho possui limitações visuais (miopia), e por isso, não consegue executar algumas atividades inerentes aos moradores do interior satisfatoriamente. *Miguilim* era o mais quieto, reflexivo e introspectivo dentre os irmãos, mas muitas vezes não era compreendido e tornava-se alvo de algumas brincadeiras que, costumeiramente, inferiorizavam-no. Entretanto, era o filho que mais percebia o ambiente, o clima familiar e o comportamento das pessoas com quem convivia. Pela mãe, nutria um carinho incondicional e isso os tornavam muito íntimos a ponto de perceber o estado espiritual da mãe, sem que ela lhe revelasse. Essa cumplicidade gerava ciúmes no próprio pai, que deixava transparecer algum despeito pelo filho e, até, era motivo de represália do pai:

Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava: “_ este menino é um mal-agradecido. Passeou, passeou, todos os dias esteve fora de cá, foi no Sucurijú, e, quando retorna, parece que nem tem estima por mim, não quer saber da gente...” A mãe puniu por ele: “_ Deixa de cisma, Béro. O menino está nervoso...” (ROSA, 2001, p.29).

_ Pai está brigando com mãe. Está xingando ofensa, muito, muito. Estou com medo, ele queria dar em Mamãe..." [...] "_Eu acho, Pai não quer que Mãe converse mais nunca com o tio Terêz... Mãe está soluçando em pranto, demais da conta (ROSA, 2001, p. 35)

"_ Não, não... Não pode bater em Mamãe, não pode. Miguilim botou em choros. Chorava alto. De repente, rompeu para a casa. [...] Diante do pai, que se irava feito um fero, Miguilim não pôde falar nada, tremia e soluçava; e correu para a mãe, que estava ajoelhada encostada na mêsã, as mãos tapando o rosto. Com ela se abraçou. Mas dali já o arrancava o pai, batendo nele, bramando. Miguilim nem gritava, só procurava proteger a cara e as orelhas; o pai tirara o cinto e com ele golpeava-lhe as pernas, que ardiam, doíam como queimaduras quantas, Miguilim sapateando. Quando pôde respirar, estava posto sentado no tamborete, de castigo. E tremia, inteirinho o corpo. O pai pegara o chapéu e saíra (ROSA, 2001, p. 36).

O dia estava bruto de quente, Miguilim com sede, mas não queria pedir água para beber. [...] Miguilim estava sujo de suor. Mais um pouco, reparou que na hora devia de ter começado a fazer pipi, na calça. (ROSA, 2001, p. 37).

Outro fato que revela a sensibilidade do garoto Miguilim é Mas o pai ainda ralhou mais, e, como no outro dia era domingo, levou o bando dos irmãozinhos para pescaria no córrego; e Miguilim teve de ficar em casa, de castigo (ROSA, 2001, p. 29).

a desconfiança de uma possível relação entre a mãe e um tio que morava na casa deles. Aquilo era motivo bastante para uma tragédia familiar e o garoto vivia um dilema: apesar de sentir a indiferença do pai e ter uma relação de carinho recíproco com o tio, não era capaz de ser contra o pai. Isto e outros episódios na vida do menino fazem com que ele expresse o desejo de continuar sendo criança:

Mas não podia entregar o bilhete à mãe, nem passar palavra a ela, aquilo não podia, era pecado, era judiação com o pai, nem não estava correto. Alguém podia matar alguém, sair briga medonha, Vovó Izidra tinha agourado aquelas coisas, ajoelhada diante do oratório – do demônio, de Caim e Abel, de sangue de homem derramado. Não falava. Rasgava o bilhete, jogava os pedacinhos dentro do rego, rasgava miúdo. E Tio Terêz? Ele tinha prometido ao Tio Terêz, então não podia rasgar (ROSA, 2001, p. 84).

Miguilim não tinha vontade de crescer, de ser pessoa grande, a conversa das pessoas grandes era sempre as mesmas coisas secas, com aquela necessidade de ser brutas, coisas assustadas (ROSA, 2001, p. 52).

No final dessa narrativa, surge no Mutum, um médico que estava de passagem e vai à casa de Miguilim e, conversando com os pais dele, percebe que o garoto coçava constantemente os olhos, algo que fez o médico desconfiar de um problema visual, que foi confirmado quando o doutor emprestou os próprios óculos ao menino. Sendo assim, o médico ofereceu ajuda e Miguilim foi embora com ele para se tratar do problema nos olhos, porque na visão de mundo e de vida, ele sempre soubera enxergar, profundamente, aquilo que se lhe apresentara. Naquele momento, Miguilim passara a ser compreendido pelas pessoas e, sobretudo, pela figura paterna. Tem-se início, então, uma vida nova para

um menino que emergira dos recônditos do sertão e de sua própria escuridão, para uma grande viagem pelo mundo, guiado oportunidade que vida lhe agraciara. E à literatura, especialmente neste conto, cabe o reconhecimento pela desconstrução do estereótipo discriminatório para com os deficientes, como se confirma a seguir:

De repente lá vinha um homem a cavalo. Eram dois. Um senhor de fora, o claro da roupa. Miguilim saudou, pedindo a bênção (ROSA, 2001, p. 148). [...] Miguilim queria ver se o homem estava mesmo sorrindo para ele, por isso é que o encarava. _ Por que você aperta os olhos assim? Você não é limpo de vista? [...] Depois perguntava a ele mesmo: _Miguilim, espia daí, quantos dedos da mão você está enxergando? E agora? [...] Este nosso rapazinho tem a vista curta. Espera aí, Miguilim... E o senhor tirava os óculos e punha em Miguilim, com todo o jeito. _ Olha, agora! Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas (ROSA, 2001, p. 149).

A quietude, o silêncio e a “autoretirada” de Miguilim revelam um discurso sem fala, no entanto poucos conseguem perceber tantas marcas psicológicas do outro como ele, deixando implícito que, às vezes, é melhor calar-se do que falar, até porque as sensações mais profundas não são expressas completamente em palavras; é bastante o sentir. Nesse aspecto, vale reportar-se aos comentários de Leão (*in*: HEIDEGGER, 2004):

No silêncio, o sentido de ser chega a um dizer sem discurso nem fala, sem origem nem termo, sem espessura nem gravidade, mas que sempre se faz sentir, tanto na presença como na ausência de qualquer realização ou coisa. Aqui o discurso simplesmente se cala por não ter o que falar e, neste calar-se, tudo chega a vibrar e viver na originalidade de sua primeira vez (LEÃO *in*: HEIDEGGER, 2004, p. 15).

O homem é o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se no silêncio do sentido, assim como é o ser que morre, mesmo quando não morre e vive, recolhendo-se à temporalidade da existência. A fala remete para além ou aquém das palavras, mas este remeter não é semântico nem sintático. É o silêncio do sentido. A fala só fala para e por calar. A palavra essencial, sendo a essência da palavra no tempo das realizações, é apenas silêncio (LEÃO *in*: HEIDEGGER, 2004, p. 16).

É nessa perspectiva que se espera que a literatura, que desempenha papel tão importante à sociedade, possa prestar, também, igual contribuição à população deficiente do país, uma vez que, por intermédio de narrativas fascinantes consegue retratar e projetar comportamentos e atitudes marcantes dos indivíduos. Esse fascínio deve ser utilizado a favor da construção de uma sociedade mais solidária. A literatura, portanto, deve fomentar, sempre, o poder transformador de ideologias, pensamentos e ações que provoquem no leitor a observação e a reflexão dos eventos e relações sociais promovidas no cotidiano. Sendo assim, é essencial que os livros proporcionem nos leitores uma visão multicultural, colaborativa, tolerante e mais fraterna...Tal concepção é referendada pela escritora Góes, Doutora em Letras (1991, p. 7-9).

... Se desejamos a construção de uma sociedade melhor e mais solidária, devemos oferecer às crianças meios de desenvolverem a reflexão, o debate e a crítica sobre os desvios sociais. Assim, além do empenho para que as crianças de todas as nações possam saber ler, deve-se, também, lutar para que tenham acesso a um acervo rico e variado de livros que correspondam às suas necessidades e interesses. Além de livros de fantasia, estimuladores de seu imaginário, livros que falem de raízes culturais, livros que promovam a fraternidade entre os povos, ultrapassando as diferenças culturais. Deve-se destacar os livros que promovam a justiça, a paz, a solidariedade. Nestes, colocamos, como de necessidade URGENTÍSSIMA, os que tratam de várias e variadas formas os DEFICIENTES (GÓES, 1991, p. 7-9).

3 | METODOLOGIA

Esse estudo mostra uma pesquisa bibliográfica realizada em algumas obras da literatura brasileira que possuem personagens deficientes em suas narrativas. Mediante a respectiva temática, torna-se inevitável enfatizar as estéticas literárias que retratam atitudes e comportamentos que permeiam e tecem o tecido social: o Pré-Realismo, o Realismo-Naturalismo e o Modernismo brasileiros.

Os critérios, pela respectiva opção, seguem a visão de que são estéticas literárias em que o principal foco é a denúncia e a crítica sociais. Quanto ao Modernismo, optou-se pela produção da terceira fase, que apresenta obras que são denominadas como um Neo-Realismo. No tocante às obras, selecionamos aquelas que retratam, de maneira transfigurada, a maneira como são vistos os deficientes, ao longo da história.

Nesse viés, a análise é direcionada a observar até que ponto as respectivas obras negam ou confirmam a visão estereotipada que a sociedade demonstra em relação aos deficientes. Nesse sentido, tem-se a preocupação de apresentar, através de trechos das respectivas obras, a concepção que a sociedade possui sobre esses indivíduos. Destaca-se, principalmente, a atenção dada aos enredos, personagens, ações e contexto sócio-histórico envolvidos.

Quanto aos resultados, confirma-se, em caráter geral, o predomínio de uma concepção discriminatória sobre os deficientes, consequência, pois, de uma sociedade em que, ao longo do tempo, tem tratado com ignorância e desigualdade os deficientes. Embora se perceba uma tentativa de desconstrução dessa concepção em uma das obras analisadas (*Manuelzão e Miguilim*, de Guimarães Rosa), o aspecto separatista tem predominado e, por isso, contribuído com a solidificação de posturas intolerantes, cruéis e até, desumanas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consonância com o que foi possível identificar durante esse estudo, está-se diante de um tema bastante relevante para o estudo das representações da deficiência na literatura brasileira, uma vez que a leitura torna-se imprescindível para a formação do

cidadão consciente de sua função social e, principalmente, da importância que representa a sua história para a construção de uma identidade que preserva os valores sócio-histórico-culturais. Nessa perspectiva, está bastante claro que, na maioria dos clássicos da literatura nacional, os deficientes são apresentados de forma bastante estereotipada que, coerentemente, representa a visão que a sociedade tinha desses indivíduos no século XX. Contudo, é perceptível algum avanço nessa abordagem, pois em alguns roteiros, já se vislumbra alguma possibilidade de mudança no modo como a sociedade tem tratado os deficientes. Dessa forma, tem-se, nessa temática, uma linha de estudo bastante promissora, já que muitas as personagens deficientes na literatura nacional, porém são poucas as que demonstram uma visão mais sensível e igualitária da sociedade para com essas pessoas. Nesse aspecto, cabe ao professor-mediador de língua materna, um estudo mais apurado, mais sensível e mais cuidadoso ao lidar com esse tipo de leitura, pois pode-se estar contribuindo para a afirmação de uma visão pejorativa das pessoas deficientes.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000215.pdf>>. Acesso em: 20/09/2018.

BARROS, Alessandra. **Quarenta anos retratando a deficiência**. Revista Brasileira de Educação. Salvador, v.20, n.60, p. 167 – 193, jan./fevereiro 2015.

DALCASTAGNÉ, Regina. **A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18 – 31, dezembro 2007.

DOWKER, Ann. **A Representação da Deficiência em Livros Infantis: séculos XIX e XX**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1053 – 1068, out./dezembro 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 20/09/2018.

FIGUEIRA, Emílio. **As pessoas com deficiência no contexto da literatura infanto-juvenil e didática**. *Mimesis*, Bauru, v. 21, n. 1, p. 39 – 52, 2000.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

ROSA, Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**; (Corpo de Baile). 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 4, 71, 72, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 136, 159, 167

Antropometria 86, 87, 99

Aprendizagem 3, 5, 9, 12, 36, 38, 48, 52, 56, 57, 63, 66, 68, 73, 76, 80, 81, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 127, 130, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 163, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 199

Aprendizagem Significativa 112, 137, 141, 142, 175, 176, 179, 180, 181

Áreas de Conhecimento 2, 7, 55, 56, 57, 59, 61, 65, 69

Astronomia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 141

Avaliação externa 143

C

Casos práticos 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Custo 87, 185, 187, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

D

Deficiência 12, 13, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 43, 44, 51, 52, 53, 54, 68, 70, 110, 123, 124, 127, 128, 134, 135

Detalhes de ligação 185

Diário de Leitura 55

Direito à educação 106, 131, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 174

Direito Internacional Público 170, 175, 176, 177, 179, 180, 181

Direitos Humanos 53, 101, 105, 106, 107, 108, 109, 130, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

Diversidade 7, 10, 31, 32, 51, 52, 53, 134, 165, 167, 171, 172, 173, 174

E

Ecoeficiência 110, 111, 113, 114

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 22, 25, 27, 29, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 64, 65, 66, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 83, 84, 88, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 116, 117, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 223

Educação de Jovens de Adultos 1, 10

Educação do Campo 74, 75, 76, 82, 83, 84, 134

Educação Infantil 7, 35, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 54, 78, 142, 154, 168

Elemento Pedagógico 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Empreendedorismo 111, 113

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 40, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 107, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 185, 186, 199, 201, 223

Ensino de ciências 116

Ensino universitário 175

Estado de Arte 1

Extensão 67, 68, 69, 72, 223

H

Horta 110, 111, 112, 113, 114, 138, 141

I

Inclusão 10, 42, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 88, 110, 111, 113, 123, 124, 127, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 167, 171, 179

Inclusão Educacional 43

Inclusão escolar 42, 53, 54, 123, 127

INEP 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164

Inglês 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Inovadora 35, 37, 38, 40

Isométricos 185, 187

L

Legislação 10, 123, 124, 127, 128, 131, 135

Literatura 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 27, 31, 36, 54, 55, 59, 129, 189

Ludicidade 35, 223

M

Mediador 12, 22, 62, 63, 143, 144, 146, 147, 149, 151, 154

Medida Socioeducativa 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108

Ministério Público 105, 165, 166, 173

N

Necessidades educacionais 42, 43, 50, 54, 123, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 133

Necessidades Educacionais Específicas 123, 124, 127, 128, 129, 131, 132, 133

O

Oficinas Pedagógicas 136, 137, 138, 140, 141, 142

P

Paebes 143, 144, 145, 146, 152, 153, 154

Painel Educacional 156, 157, 160, 162

Pasta da Realidade 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Pedagogo 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154

Pesquisa 1, 2, 5, 7, 9, 10, 21, 24, 36, 44, 51, 54, 59, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 87, 88, 89, 98, 99, 110, 113, 128, 129, 130, 132, 143, 144, 145, 146, 155, 156, 157, 162, 163, 164, 172, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 201, 223

Política de Educação 101, 102, 104

Prática de Leitura 55

Prática Educativa 59, 65, 116, 135, 145

Professor 12, 16, 22, 36, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 104, 116, 118, 123, 127, 130, 132, 133, 135, 137, 140, 141, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 155, 160, 163, 165, 171, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 223

Promoção da saúde 85, 87, 99

Proposta Pedagógica 74, 80, 82, 103, 106

R

Rede social 116, 121

Representação 6, 12, 13, 14, 22, 25, 29, 87, 199

S

Sustentabilidade 110, 112, 113, 171

T

Tecnologias na educação 116

Trabalho em equipe 72, 101, 102, 103, 108, 110, 138, 140, 149

Tubos e conexões 185

Turno Integral 136

V

Voluntariado 67

ESTIMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

2



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora

Ano 2021

ESTIMULO À TRANSFORMAÇÃO DA

EDUCAÇÃO

ATRAVÉS DA PESQUISA ACADÊMICA

2



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



www.facebook.com/arenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021